Produtores com nervos à flor da pele

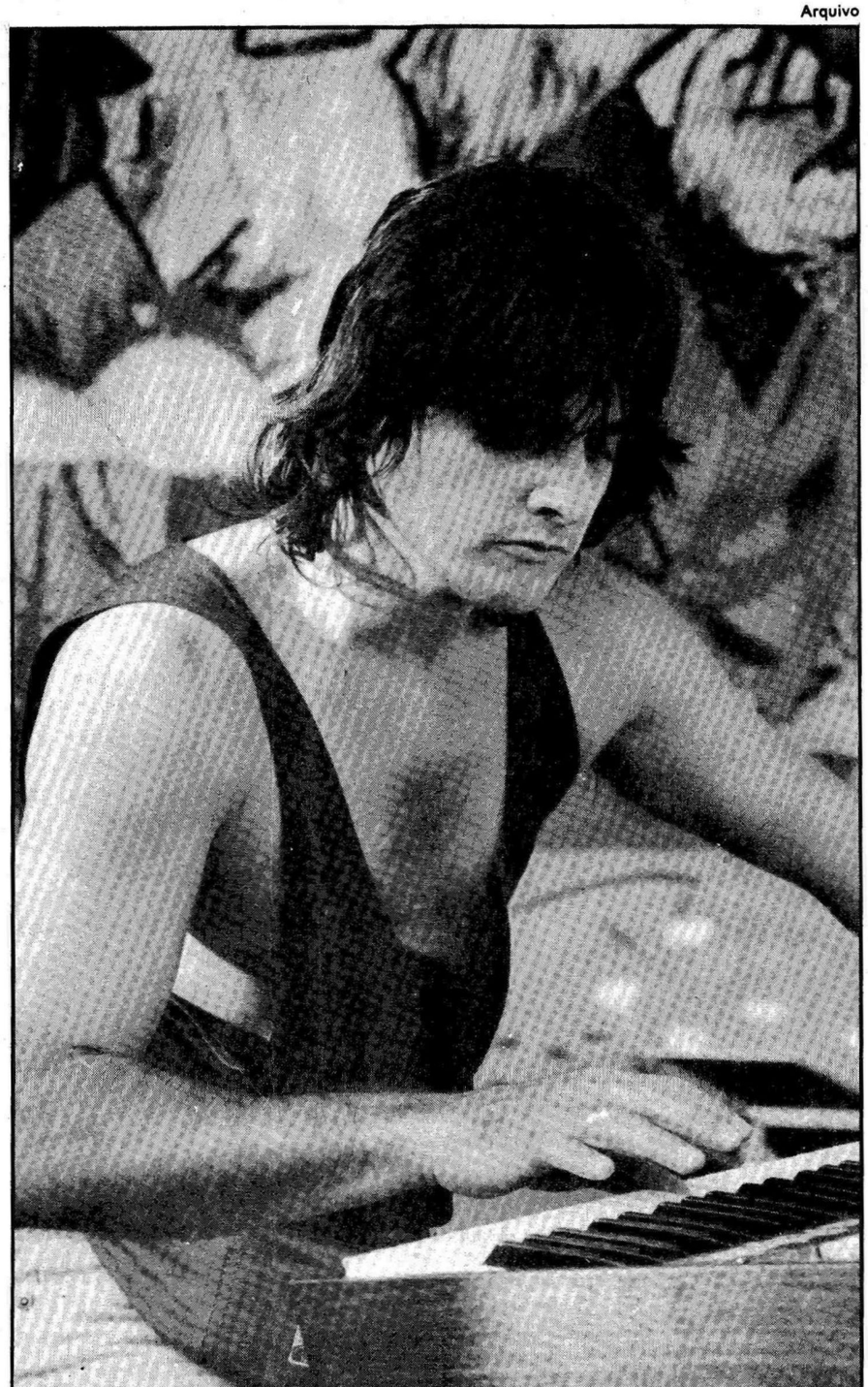
MARCOS SAVINI

A greve dos funcionários da Fundação Cultural está deixando produtores e artistas prejudicados e com os nervos à flor da pele. Projetos de custos elevados e datas minuciosamente planejadas são inviabilizados, deixando todos insatisfeitos e predispostos ao desabafo. "Normalmente a fundação já não anda, e o pessoal ainda faz greve!", reclama Anselmo Bessa, da produtora Só Os Bonitos. Após promover a Feira de Música, no Teatro Garagem do Sesc, por três anos ininterruptos, a produtora não consegue estrear, há dois meses, o projeto na Casa do Teatro Amador: "Achamos que o novo espaço, que é muito bom, traria melhorias para a Feira de Música. Agora, estamos enrascados desde março, primeiro com a burocracia da FCDF e, depois, com a greve".

Além do projeto paralisado, a Só Os Bonitos ainda corre o risco de perder o apoio do Instituto Goethe, que participaria experimentalmente como co-produtor nas duas primeiras edições da Feira de Música. "Já perdemos o apoio", lamenta Anselmo Bessa. Representante de classe da Associação dos Funcionários do Tribunal de Contas, o produtor considera a greve justa, mas parte para o desabafo: "A fundação é um órgão que serve para fomentar a cultura de Brasília. Mas mesmo sem a greve a gente não vê nada acontecendo, nada funcionando. Qual é o problema? É dinheiro? Estrutura? Pessoal? A cidade está clamando por cultura e nada acontece. Por isso as pessoas estão indo para os bares para *encher a cara* e brigar. Os órgãos da cultura não funcionam normalmente, e o pessoal ainda faz greve! Então é melhor nem ter nada".

Rênio Quintas, diretor musical e produtor do show de Célia Porto que aconteceria no próximo final de semana na Martins Penna, também avalia a greve dentro de um panorama político: "A verdade é que a administração deste governo na área cultural está falida. A incompetência grassa na direção administrativa dos órgãos de cultura. Está tudo detonado por falta de uma política cultural. Não chegamos em lugar nenhum porque não há um lugar para chegar, não há metas culturais", avalia.

Arquivo



Rênio Quintas: "A administração deste governo na área cultural está falida"

Após condenar a burocracia da Fundação Cultural, Rênio Quintas considera "justíssima" a greve dos funcionários: "O pessoal do maquinário tem de se multiplicar para suprir a falta de pessoal e para trabalhar com os equipamentos deteriorados dos espaços do GDF. Não há como chamá-los de incompetentes. Respeito muito este pessoal. Eles são até subaproveitados por causa de um governo que não prioriza a cultura e se conduz por interesses políticos e eleitoreiros. A falta de condições de trabalho vem a reboque na questão salarial da greve".

US$ 17 mil — O maior prejudicado com a greve dos funcionários da FCDF é o grupo Oficina Blues. Para reforçar a atenção do público brasiliense para o show de lançamento de seu primeiro disco no dia 1º de maio, na Sala Villa-Lobos, o grupo adiou por dois meses a entrevista no programa *Jô Soares Onze e Meia*. A entrevista foi ao ar três dias antes da data marcada para o show — que não aconteceu. "Estava tudo em cima, a Sala Villa-Lobos ia *pipocar*. Ia ser a consagração do Oficina Blues em Brasília. A gente deu um azar tremendo", diz o guitarrista e vocalista Antônio Cleves.

A produção do show do Oficina Blues já havia gasto US$ 17 mil com a divulgação e o aluguel de equipamento antes da greve começar. "Tem cartazes do show em tudo que é pirulito da cidade. Contrato de som, chamadas em televisão, cenários, já estava tudo pago". A produção de gente como Roberto Carlos ou Chico Buarque tem como se virar. Mas nós estamos apenas começando e fomos os grandes prejudicados", afirma.

Antônio Cleves ainda espera poder realizar o show na Sala-Villa Lobos após o término da greve: "A gente quer aquela sala. Não nos interessa mudar de lugar. O show ia ser a nossa consagração em Brasília, a nossa despedida de gala. Espero que a fundação se sensibilize com nosso prejuízo e garanta ao menos uma nova data para nos ressarcir", espera o guitarrista e vocalista.

A produção do show de Márcio Montarroyos conseguiu evitar o prejuízo, ao transferir o espetáculo do trompetista para o Teatro Dulcina. Ainda assim, Júlio Freire, da Ocarina Produções, questiona a eficácia dos métodos dos funcionários da FCDF: "Todo ano eles planejam começar a greve nas vésperas dos shows dos medalhões, como o Roberto Carlos ou o Chico Buarque. A pressão nestas datas é maior, mas nem assim eles conseguem obter alguma coisa. Ou conseguem muito pouco. É uma irresponsabilidade deixar a coisa chegar a tal ponto", considera o produtor.